

## A vez do público?

### Conjuntura digital e mobilizações na América Latina.

## The public's turn?

### Digital environment and mobilization in Latin America.

**Luiz Leo**

*Doutor em Comunicação. Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Internet e Política (COMP). Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Ibero-Americanos da PUC-Rio (Ei). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.*

#### Introdução

No último quarto de século, a América Latina tem sido sacudida por sucessivas transições na sua ordem democrática. Refletindo aquilo que Fernando Mayorga (2016) define como o “pêndulo da política latino-americana”, o final dos anos 1990 foi marcado pelo predomínio de governos que enfatizavam o papel do Estado e das políticas distributivas. A partir de meados dos 2000, uma onda de regimes liberais, de caráter menos intervencionista e pautados por iniciativas pró-mercado, ocupou o espectro político da região. Recentemente, a década de 2020 voltou a assistir à emergência de novas (e o retorno de velhas) lideranças políticas com orientação mais à esquerda – casos de México, Argentina, Chile, Colômbia e Brasil.

A alternância entre os ciclos políticos é percebida com relativa naturalidade pelo ambiente de estudos da Ciência Política. Norberto Bobbio (1997, p. 9) é um dos que defende que, para um regime democrático, o estar em transformação é seu estado natural: “a democracia é dinâmica, o despotismo é

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.326>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.7-32, set./dez. 2022

estático e sempre igual a si mesmo”. No âmbito regional latino-americano, o fenômeno também ocupa espaço nos debates (O’DONNELL; SCHMITTER; WHITEHEAD, 1986; WEFFORT, 1989; PRZEWORSKI, 1994).

Entre as dimensões analíticas problematizadas pelos autores, vem ganhando destaque a emergência do público como parte relevante das transformações em curso (HARDT; NEGRI, 2005; NORRIS, 2007; GILLION, 2013). Considerando, particularmente, a associação entre conjunturas digitais e mobilizações (CASTELLS, 1999; 2017; LEVY, 2003; GERBAUDO, 2019), os acontecimentos envolvendo a participação das sociedades latino-americanas nas dinâmicas políticas da região parecem oferecer um horizonte desafiador às tradições de estudos em diversas áreas do conhecimento. E isso não é diferente no campo da comunicação política, em seus esforços de compreensão das lógicas informativas resultantes.

As contribuições importantes nesta última vertente de pesquisas (SIEBERT; PETERSON; SCHRAMM, 1956; NIMMO; SANDERS, 1981; BLUMLER; GUREVITCH, 1995; KAID, 2004; ESSER; PFETSCH, 2004; HALLIN; MANCINI, 2004; 2011; 2016; CANEL; VOLTMER, 2014) consolidam uma visão normativa e funcional quanto ao processo interativo referente à circulação de informações entre políticos, mídia e público (NORRIS, 2009). Em regra, priorizam as iniciativas de comunicação dos “políticos” e das “mídias” sobre o “público”, em relação ao conjunto de mensagens que circula dentro de um sistema político (BOBBIO, 1998).

O resultado desses esforços é que as abordagens decorrentes contrastam com o crescente espaço que vem sendo ocupado por “indivíduos comuns”, nas arenas de discussões públicas, em meio às profundas transformações tecnológicas que marcam as últimas décadas. No entanto, alguns enquadramentos teóricos mais recentes têm procurado ampliar a diversidade epistemológica do campo, com um oportuno “*rethinking*” da comunicação política (NORRIS, 2000; BRANTS; VOLTMER, 2011; BARNHURST, 2011; NIELSEN, 2014; HENN; JANDURA; VOWE, 2015; BLUMLER; COLEMAN, 2017), em particular no que diz respeito às possibilidades ensejadas pela participação comunicativa do público em sociedades democráticas.

Potencializadas pelas ferramentas digitais, as iniciativas cidadãs nos espaços de discussão pública vêm assumindo uma gradual intensidade e alcance (MOSSBERGER; TOLBERT; MCNEAL, 2007; VACCARI; VALERIANI, 2018; RUESS et al, 2021). Porém não é só no âmbito de uma “cidadania digital” e em decorrência de um “imperativo tecnológico” que os movimentos cívicos têm pontuado em diversas regiões do planeta. Na América Latina, em particular, após décadas de efervescência social, que levaram a

substantivas reformas políticas e econômicas, uma polifonia de vozes ecoa, com entusiasmo e persistência, das telas dos dispositivos para as ruas, sacudindo e redimensionando inúmeras “praças públicas” locais.

O ativismo na região passou a ser combinado a múltiplas formas de mobilizações que, por vezes, transcendem as formas mais tradicionais de organização da sociedade civil no continente. Resultado daquilo que Christof Mauersberger (2016, p. 4) define como a “luta das coalizões da sociedade civil na América Latina”, ganha relevo, desde finais do século passado, um rico mosaico de experiências e formas de discussões políticas, em contextos digitais, que oferecem novos ângulos de abordagem ao campo de estudos da comunicação política, para além de seus termos mais clássicos.

Seguindo essa lógica, o objetivo deste trabalho é destacar, de forma comparada, variáveis tecnológicas que cercam as rotinas de cidadãos em países latino-americanos, sobretudo aqueles que experimentaram recentes transições democráticas, de centro ou direita para regimes de esquerda. Com foco no México, na Argentina, no Chile, na Colômbia e no Brasil, são examinados, em perspectiva panorâmica, os recursos digitais mais característicos de cada país, bem como algumas mobilizações que ganharam relevo em suas respectivas realidades nacionais, em meio às discussões sobre política no ambiente digital.

Em um sentido amplo, esta análise também se articula com outros trabalhos recentes do autor (LEO et al, 2020; LEO, 2021), que procuram, em alguma medida: 1) contribuir com o aprofundamento do debate epistemológico do campo da comunicação política; 2) dar maior ênfase metodológica à percepção do “público” nos processos de comunicação política; e, finalmente, a partir dos esforços precedentes, 3) ampliar o leque dos estudos de comunicação política regionais, por meio da identificação e de uma sistematização, de caráter comparado, de iniciativas de comunicação política gestadas pela sociedade civil latino-americana.

### **Transições democráticas e participação do público na América Latina**

Em um intervalo de pouco menos de cinco anos (2018-2022) as mudanças geopolíticas na América Latina foram emblemáticas. Desde dezembro de 2018, Andrés Manuel López Obrador é presidente dos Estados Unidos Mexicanos, eleito, para um mandato de seis anos, pelo Movimento Regeneração Nacional (MORENA). Um ano depois, em dezembro de 2019, Alberto Ángel Fernández foi o escolhido para presidir a Nação Argentina, por meio do Partido Justicialista. Em 2021 foi a vez de Gabriel Boric, ex-líder estudantil,

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.326>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.7-32, set./dez. 2022

triumfar nas eleições chilenas, aos 35 anos, eleito pelo partido Convergência Social, sendo o mais jovem político a ocupar o cargo máximo do país. Em junho de 2022, o senador e ex-prefeito de Bogotá Gustavo Petro, em uma eleição sem precedentes, tornou-se o primeiro presidente de esquerda da história da Colômbia, pelo partido Colômbia Humana. Finalmente, no mesmo ano, Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores foi reconduzido à presidência do Brasil, para um inédito terceiro mandato, em uma eleição acirradíssima, definida a seu favor pela menor diferença de votos desde a redemocratização.

À exceção de México e Argentina, em que os pleitos se decidiram ainda no primeiro turno, os demais os candidatos eleitos derrotaram representantes do centro ou da direita em disputas apertadas, decididas apenas no segundo turno. Em alguns casos, como Argentina e Brasil, o triunfo eleitoral se deu sobre incumbentes, com forte apoio da máquina pública. Além disso, nos casos de Chile, Colômbia e Brasil, foram derrotadas lideranças de extrema-direita, com significativo apoio popular, em sociedades profundamente divididas. Em cada uma dessas realidades nacionais, as mobilizações do público em torno dos movimentos políticos locais foram expressivas, fazendo dos protestos uma das marcas da região (BORSANI, 2020).

Em perspectiva mais abrangente, apenas Uruguai, Equador, Paraguai e Guatemala são comandados, atualmente, por representantes da direita (ou de viés mais conservador), no contexto regional em questão. O quadro traz à tona as lembranças da “onda rosa” que atingiu a continente há quase duas décadas – embora, agora, com tendências ainda mais acentuadas, haja vista que a esquerda também se faz presente na República Dominicana, com Luis Abinader (2020), na Bolívia, com Luis Arce (2020), e em Honduras, com Xiomara Castro (2021), dentre outros (no que se inclui Nicolas Maduro, na Venezuela, um dos governantes mais longevos da região, desde 2012 no poder). No entanto, as conjunturas que marcam os períodos históricos em referência são significativamente diferentes.

Uma das peculiaridades do atual ecossistema político da região (como, de resto, em outras localidades do planeta) é um ambiente comunicativo bem mais diverso, fragmentado e conflituoso. Sob tal contexto, a política tem sido testada de todas as formas, em meio a uma atmosfera de incertezas e sociedades atravessadas por rápidas mudanças, o que confere à comunicação política ares de uma “Babel contemporânea” (BRANTS; VOLTMER, 2011, p. 1). Como ponderam Adam Shehata e Jesper Strömbäck (2014, p. 95), “o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação fez com que o conceito de mídia

se tornasse mais heterogêneo e desfocado”, favorecendo uma maior midiaticização das rotinas e, por decorrência, a descentralização das práticas de comunicação política.

Desde a seminal discussão travada entre Walter Lippmann ([1922]/1961) e John Dewey ([1927]/2012), nos anos 1930, sobre a importância do público e de sua relação com os meios de comunicação, as reflexões sobre a participação dos cidadãos nas discussões envolvendo a política estão envoltas em controvérsias. As dificuldades de consenso quanto a potenciais ameaças decorrentes das complexas associações entre sociedade, política e meios de comunicação se ampliaram. Os analistas costumam variar entre os mais entusiastas e os mais céticos em relação às possibilidades dos recursos comunicativos no contexto da política (BOHMAN 2004; CHADWIK, 2009) e, mais especificamente, quanto ao que podem representar em termos de impacto à participação do público em sociedades democráticas.

Como premissa de tais discussões, o debate travado nos espaços de convivência coletiva é entendido como algo essencial para a democracia (GUTMANN; THOMPSON, 2009). Entretanto, na prática, o interesse dos cidadãos “comuns” pelos assuntos da política também se pode traduzir – ao menos no que diz respeito às dinâmicas de comunicação orientadas à política – em terreno fecundo para conflitos, desentendimentos e, no extremo, em riscos à própria democracia (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; RUNCIMAN, 2018; MOUNK, 2019).

Na vertente de estudos da comunicação política, as percepções quanto ao fenômeno refletem semelhante diversidade interpretativa. Jay Blumler e Michael Gurevitch (1995) apontam para uma crise da comunicação pública, cujas raízes decorreriam de um aumento da influência das mídias sobre o ambiente da política, resultando em consequências problemáticas à cidadania. Contestando o “mal-estar cívico” potencializado pelas mídias e pelas estratégias de marketing eleitoral – que ganharam relevo nas sociedades pós-industriais –, Pippa Norris (2000) pondera sobre os potenciais efeitos positivos de uma exposição contínua às mídias, com a tese do “círculo virtuoso”, segundo a qual cidadãos mais bem informados, em sociedades democráticas, estariam propensos a um maior envolvimento nas questões da política.

Em termos empíricos, não há como transitar pelo ambiente digital contemporâneo sem se deparar com evidências de ambas as coisas. As manifestações virtuais contra e a favor dos sistemas políticos existentes tornaram-se palco de disputas acaloradas. Às vezes dissonantes, misturam-se simpatizantes de

todos os matizes. Se há espaço para o fanatismo, o racismo e a raiva (KLEIN, 2017), também há para a valorização e o rejuvenescimento de uma cidadania democrática (COLEMAN; BLUMLER, 2009). Como destaca o recente levantamento qualitativo realizado na Argentina, no Brasil, na Colômbia e no México, coordenado por Esther Solano e Camila Braga (2022), cresce a politização de jovens entre 16 a 24 anos, por meio de canais digitais não convencionais, em sua relação com perfis de personalidades sem relação direta com a política, como *gamers*, gurus de estilo de vida e *tiktokers* – e na interação direta entre os respectivos seguidores.

Tais dados sugerem um relativo contraponto à tendência percebida em escrutínios mais amplos, como o realizado pelo *Bennett Institute Public Policy*, da Universidade de Cambridge, com relação à diminuição da satisfação dos jovens com a democracia – não apenas em termos absolutos, mas também em relação às gerações mais velhas em estágios comparáveis da vida (FOA et al, 2020). Apoiada em vasto conjunto de dados global sobre legitimidade democrática – reunindo informações de mais de 4,8 milhões de entrevistados, 43 fontes e 160 países entre 1973 e 2020 –, a pesquisa revela como a satisfação com a democracia mudou ao longo do tempo entre quatro gerações – *millennials*, geração X, *baby boomers* e a geração do entre guerras –, ao longo do último quarto de século, em todas as principais regiões do mundo.

Na América Latina, em especial, o ceticismo, misturado à apatia – e, quando não, ao cinismo (CAPPELLA; JAMIESON, 1997) – em relação à política, em geral, e à democracia, em particular tem encontrado ressonância entre as populações. Os últimos informes do *Latinobarómetro* vêm constatando o declínio de “apoio à democracia” ano após ano. Nos dados mais recentes, relativos a 2020, manteve-se o patamar de menos de 50% da população do continente apoiando a democracia – enquanto 13% preferem o autoritarismo e 27% que são indiferentes ao regime de governo existente (LATINOBARÓMETRO, 2020).

As evidências de que cidadãos latino-americanos dão pouco valor à democracia não é recente. Constam também no relatório “A democracia na América Latina: rumo a uma democracia de cidadãs e cidadãos”, do Compêndio Estatístico do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (2004). As percepções derivadas da pesquisa sinalizam um inequívoco desprestígio na democracia na América Latina – cujas causas são plurais, mas envolvem, dentre outros, eleição de líderes carismáticos, reeleições sucessivas de chefes do executivo, fragilidades institucionais, descontentamento econômico, sentimentos de exclusão, entre outras bandeiras incongruentes com relação à democracia moderna.

Todavia, as possibilidades oferecidas pelos recursos tecnológicos vão deixando suas marcas nos debates políticos através das redes, consolidando um espaço alternativo (e potencialmente mais inclusivo e diversificado) para a conversação civil (MARQUES, 2006). Apesar das divergências entre os autores quanto à plausibilidade de uma “esfera pública virtual” – redimensionando o debate inaugural trazido por Jürgen Habermas (2003) –, o ambiente digital tem se constituído, empiricamente, como um amplo fórum de trocas entre os cidadãos. Neste sentido, independentemente de se configurarem como “espaço decisório por excelência”, as redes digitais e demais recursos a elas associados abrem a oportunidade para “a exposição de opiniões e formação de arenas conversacionais” (MARQUES, 2006, p. 164, 183).

Investigando comparativamente conversas políticas informais a partir de recursos digitais em sete democracias ocidentais, Cristian Vaccari e Augusto Valeriani (2018) constatam que, em geral, tais práticas contribuem para uma maior participação política extra-institucional por parte dos cidadãos. Porém as associações entre conversa política e participação diferem de realidade para realidade, a depender dos recursos técnicos em jogo. Assim, a relação entre a conversa em redes sociais e participação é mais intensa nas democracias estabelecidas (Dinamarca, França, Reino Unido e Estados Unidos) do que nas democracias de “terceira onda” (Grécia, Polônia e Espanha). Por outro lado, não percebem maiores diferenças na relação entre conversas sobre política realizadas por meio de plataformas móveis de mensagens instantâneas e participação, quando se comparam democracias mais recentes. Para os autores, os resultados sugerem que diferentes configurações institucionais, em combinação com diferentes *affordances* tecnológicos, ajudam a explicar os padrões das relações que se estabelecem entre conversas e participação política.

Com a ressalva de que evitamos aqui aderir a uma racionalidade determinista (baseada em relações de causalidade), que privilegia o papel dos meios e dos agentes políticos como instâncias de poder em disputa, esta reflexão se propõe a contribuir com uma abordagem mais qualitativa e interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2018; SALGADO; STAYNER, 2019), compreendendo que os fatores tecnológicos se combinam às circunstâncias de cada realidade política, social, econômica e cultural, como partes constitutivas das dinâmicas de comunicação política, em contextos digitais, com foco na América Latina. Com isso, procuramos ultrapassar a lógica dos efeitos da comunicação (*media effects*) para privilegiar a compreensão de como as mídias (e, por extensão, a própria política) potencialmente afetam e são afetadas pelas iniciativas do público, em suas possibilidades de uso dos recursos tecnológicos digitais.

Portanto, não se avança, nesta leitura, em uma crítica à epistemologia dominante, mas sim em possibilidades alternativas de análise que contribuam para ampliar a diversidade teórica, conceitual e metodológica do campo, face às complexas interações entre os atores da comunicação política – em uma atualidade marcada pela coocorrência de significativas mudanças de longo alcance: da cultura política à infraestrutura das comunicações, como sublinham Lance Bennett e Bárbara Pfetich (2018).

### **América Latina digital: conjuntura tecnológica e mobilizações sociais**

Em recente publicação no blog mantido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o *“Development Matters”*, executivos de importantes empresas multinacionais assinam em conjunto artigo destacando as intensas, rápidas e profundas transformações digitais que atravessaram a América Latina no rastro dos desafios impostos pela eclosão da Covid 19. Dão destaque, em particular, ao aumento súbito do tráfego da Internet, em mais de 40%, praticamente da noite para o dia, a partir de março de 2020. Para os autores, “a robustez da infraestrutura de telecomunicações na região – construída por décadas de investimento – e a flexibilidade de muitos governos latino-americanos durante a pandemia foram alguns dos fatores que facilitaram essa transição” (MELGUIZO; SALIDO; LEAMAN, 2022, p. 1).

Partindo de semelhante perspectiva tecnológica, o fundo de investimentos Atlântico publicou, no início de setembro de 2022, o *“Latin America Digital Transformation Report 2022”*, que enfatiza o *boom* digital desencadeado pela pandemia. Segundo os autores, mais do que um pico circunstancial, as análises apontam para a sustentabilidade dos índices de crescimento da digitalização no continente, enquanto outras regiões mais desenvolvidas do mundo já retornaram às linhas de projeção pré-pandemia. Em decorrência disso, as previsões para o futuro do ecossistema de tecnologia da região são de um crescimento na mesma magnitude que países como Índia, China e EUA, que iniciaram suas jornadas de investimento em tecnologia bem antes, gozando de vantagens estratégicas significativas em razão disso (ATLANTICO, 2022).

Porém a conjuntura digital da América Latina pode expressar ambivalências, a depender da perspectiva analítica assumida. A partir da base de dados reunidos pela *International Telecommunication Union* (ITU), acerca dos indicadores de tecnologias de comunicação e informação (TICs) globais, de julho de 2022, a América Latina reúne em torno de 500 milhões das cerca de 5.3 bilhões de pessoas (ou 66% do

total da população mundial) que usam a internet atualmente. Em termos proporcionais, algo como 70% dos habitantes da região tinham algum tipo de acesso ao ambiente online, em dados relativos ao ano de 2020. Todavia, enquanto no Haiti a proporção de incluídos digitalmente era de 35%, no Chile chegava a quase 90% da população. A Argentina com 85%, o Brasil com 81%, o México com 72% e a Colômbia com 69% completam o quadro de significativas taxas de penetração da Internet nas rotinas de suas sociedades (ITU, 2022).

Ao cruzar os dados de inclusão digital com os perfis sociodemográficos dos países latino-americanos aqui em análise, mais contrastes se fazem presentes. Segundo os informes da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), as populações somadas de Brasil (215 milhões), México (132 milhões), Colômbia (52 milhões), Argentina (46 milhões) e Chile (19 milhões) perfazem mais de 2/3 do contingente populacional do continente. De uma perspectiva econômica, seus produtos internos brutos representam quase 80% do PIB da região – de um total de U\$ 5 trilhões –, embora Brasil (com U\$ 1.6 bilhões) e México (com U\$ 1.3 bilhões) somem mais do que o dobro dos demais: Argentina (U\$ 500 milhões), Chile e Colômbia (U\$ 300 milhões cada). Em via reversa, os níveis de pobreza e de desigualdade continuam altos, com 1% dos latino-americanos detendo 46% da riqueza – enquanto a pobreza alcança aproximadamente 20% da população na Colômbia, 10% no México, 6% na Argentina, 5% no Brasil e 1,5% no Chile (CEPAL, 2022).

No âmbito educacional, embora os países da América Latina e Caribe tenham registrado os maiores aumentos de gastos públicos mundiais com educação, no intervalo entre 2000 e 2018, investindo cerca de 5,7% de seus PIBs, segundo os dados do “Relatório de Monitoramento Global da Educação da UNESCO 2020”, a qualidade da educação ainda acumula problemas. No mais recente “*Estudio Regional Comparativo y Explicativo 2019*”, organizado pela Oficina Regional de Educação para América Latina e Caribe (OREALC) da Unesco, que faz uma análise curricular comparada de 19 países da América Latina e do Caribe, os resultados demonstram que uma grande proporção de estudantes da região aprende pouco nos primeiros anos de suas trajetórias educacionais. Como um dos indicativos, a aprendizagem em matemática é um desafio comum a todos os países, com quase 50% dos estudantes situados nos níveis de menor desempenho. No caso de ciências, aproximadamente um em cada três estudantes está no menor nível de desempenho (ERCE, 2019).

Soma-se a essa configuração de fatores estruturais da região o fato de que grande parte das recentes transformações no cenário político latino-americano estão ocorrendo em meio a uma conjuntura midiática historicamente concentrada (BECERRA; MASTRINI, 2009), em que predominam oligopólios de comunicação (com destaque para os grupos Globo, no Brasil, e Clarín, na Argentina) ou “duopólios comunicativos”, como no caso do México, em que os grupos Televisa e Salinas, com as suas respectivas redes de televisão (Televisa e Asteca), não são apenas hegemônicos, mas mantêm tradicionais relações de interesse com grupos políticos particulares, em regimes de lealdade sempre mutantes (MÁRQUEZ-RAMIREZ, 2014).

Em reforço a essa percepção, a série de relatórios produzidos pela organização não governamental Repórteres Sem Fronteiras, que analisa os regimes de controle das estruturas midiáticas pelo mundo, incluindo os países da região aqui em análise (com exceção do Chile), constata, de forma recorrente, que a “concentração da propriedade da mídia em apenas algumas mãos mina a pluralidade de informações. Viola o direito de cada cidadão de formar livremente sua opinião, considerando diferentes abordagens e visões dos eventos de interesse individual” (MOM-México, 2018, n. p.). E, mesmo na Colômbia, que possui um ambiente midiático um pouco menos concentrado, “as empresas de comunicação têm seus interesses frequentemente entrelaçados com impérios empresariais e políticos” (MOM-Colômbia, 2017, n. p.).

Apesar da infraestrutura midiática mais consolidada nos segmentos de comunicação tradicionais da região latino-americana (como TV, rádio e impressos), algumas importantes variáveis podem ser constatadas nos ambientes digitais dos respectivos países aqui abordados, com o crescimento e a diversificação das atividades *online*. Nesta direção, o *DataReportal* (2022), elaborado pelas empresas de consultoria *Kepios*, *Hootsuite* e *We are Social*, sinaliza um quadro de massiva e contínua atividade digital das populações locais. Sobretudo no âmbito das mídias sociais, a quantidade de usuários ativos é progressiva e abrangente.

O Brasil concentra a maior parte dos perfis de usuários em mídia sociais do continente latino-americano, com 171,5 milhões (equivalentes a 79,9% da população<sup>1</sup>). Destes, 138 milhões têm contas no *Youtube*, seguidos por 119,5 milhões no *Instagram* e 116 milhões no *Facebook*, dentre as três plataformas com mais usuários no país. No México são 102,5 milhões os perfis de usuários em mídias sociais

---

<sup>1</sup> Devendo-se ressaltar que os usuários de mídia social podem não representar indivíduos únicos, neste tipo de aferição.

(equivalentes a 78,3% da população total), dos quais 89,7 milhões possuem contas no *Facebook*, seguidos por 80,6 milhões no *Youtube* e 46 milhões no *TikTok*. Na Colômbia são 41,8 milhões de usuários em mídias sociais (equivalentes a 81,3% da população total), dos quais 35,1 milhões estão no *Facebook*, seguidos por 30,4 milhões no *Youtube* e 18,3 milhões no *Instagram*. Já na Argentina, há 39,5 milhões de usuários de mídias sociais (86,3% do total da população), com 31,7 milhões deles no *Youtube*, 28,4 milhões no *Facebook* e 24,7 milhões no *Instagram*. Por fim, no Chile, o país com a menor das populações aqui em análise, são 17,8 milhões os usuários de mídias sociais, que correspondem a 92,8% da população, com 15,6 milhões de usuários no *Youtube*, 12,5 milhões no *Facebook* e 11,6 milhões no *Instagram* (DATAREPORTAL, 2022).

Além disso, os dados relativos à infraestrutura de telecomunicações da região apontam para um contexto de significativa integração das atividades desenvolvidas em rede, com mais de 450 milhões de assinantes de serviços de telefonia móvel únicos, dos quais cerca de 400 milhões têm conexão à internet, segundo os dados da *GSMA Intelligence* (2021). No ranking global de conectividade móvel, que afere as condições técnicas de acessibilidade e usabilidade dos recursos de telefonia móvel existentes em cada lugar do planeta, os países latino-americanos ocupam posições intermediárias, com o Uruguai despontando em primeiro, seguido por Chile, Brasil, México, Argentina e Colômbia. Em termos mais específicos, a penetração das conexões móveis por habitantes em cada país<sup>2</sup> é maior no Chile (141%), seguida por Argentina (128%), Colômbia (127%), Brasil (106%) e México (92%), conforme o “*Mobile Connectivity Index 2021*” (GSMA, 2022).

Também em razão deste contexto, o uso do *WhatsApp* como ferramenta de comunicação instantânea se intensificou bastante na região. Com exceção do Chile, cujos dados não estão compilados, o percentual de usuários de internet entre 16 e 64 anos que incorpora o aplicativo às suas rotinas diárias corresponde a 96,4% no Brasil, 95,2% na Argentina, 94,3% no México e 94% na Colômbia, sendo também a plataforma de mídia social favorita para cerca de 1/3 de quem utiliza o ambiente digital na Argentina, no Brasil e na Colômbia. Além disso, no Brasil e na Argentina, os usuários de internet gastam quase 30 horas mensais de seu tempo conectados ao *WhatsApp* – enquanto, no México, 20 horas (DATAREPORTAL, 2022).

---

<sup>2</sup> Percentual obtido por meio da divisão do número de chips ativos pela população.

A conformação desse cenário tem acontecido de forma concomitante à emergência de manifestações generalizadas na região – como, de resto, em todo o mundo. Em reportagem especial de junho de 2022, a revista *The Economist* destaca que a América Latina se encontra encurralada entre a estagnação econômica e furiosos protestos de rua. As frustrações sociais generalizadas coincidem com uma acentuada deterioração da cena política, alimentada por uma cacofonia corrosiva das mídias sociais (REID, 2022). Alinhados às mesmas preocupações, acadêmicos entrevistados pelo Jornal da USP ponderam que o uso de redes sociais em mobilizações populares deve ser percebido com cautela, tendo em vista que a instrumentalização técnica das rotinas sociais nem sempre traz bons resultados para a democracia (DERVICHE, 2021).

No entanto, como assinala Bernardo Sorj (2015, p. 14-15), a América Latina navega em sua “terceira onda” de consolidação da sociedade civil no continente, agora constituída por mobilizações que encontram no ciberespaço um instrumento central de atuação. Para o autor, a combinação entre atividades *online* e *offline* tem o potencial de conduzir a uma efetiva transformação das esferas públicas locais:

As experiências recentes de manifestações de rua em vários países nos indicam que, quando analisamos a comunicação política, devemos tratar o mundo *on-line* e o *off-line* como subsistemas interconectados. Na passagem de um para outro (re)aparecem os indivíduos e organizações, com seus diferenciais em termos de iniciativa, poder, valores e interesses que, inclusive, estavam presentes, embora ocultos, no mundo da redes.

Pedro Fuentes (2022), em artigo para a Revista Movimento, analisa as duas grandes ondas de revolta em massa que varreram a América Latina nas primeiras décadas do XXI. A primeira, que teve início na entrada dos anos 2000, está mais associada com as insurreições ou rebeliões que eclodiram no Equador, na Argentina e na Bolívia, culminando com os conflitos de rua contra o golpe militar que depôs Hugo Chaves na Venezuela, episódio que acabou fortalecendo o bolivarianismo no país – com reflexos decisivos na região. Quase duas décadas depois, em 2018, uma nova onda de mobilizações alcançou Nicarágua, Porto Rico e Haiti. Nos anos seguintes, 2019 e 2020, se estendeu para os altiplanos andinos do Equador, do Chile, da Bolívia e do Peru e, depois, chegou à Colômbia. Em 2021 recrudescceu novamente no Equador e em 2022 passou a ocupar as ruas do Panamá, onde a população local protesta contra as altas no custo de vida<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> OPERAMUNDI. “Mobilização contra o alto custo de vida prossegue no Panamá”, Redação Opera Mundi, 19 de julho de 2022. Disponível em [https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/75692/mobilizacao-contr-o-alto-custo-de-vida-prossegue-no-panama]. Acesso em 17-11-2022.

Na Argentina, a tradição de mobilizações populares atravessa gerações, tendo nas *Madres de la Plaza de Mayo* um símbolo de tenacidade e resistência, com suas passeatas de desagravo público aos governos militares do país, lideradas por mães e avós de desaparecidos políticos, desde os anos 1970. Na transição para a democracia, os processos de mobilização da sociedade civil organizada em torno de diferentes movimentos sociais tornaram-se uma constante e, de certa maneira, consolidaram-se independentemente das transformações digitais do país (PEREYRA, 2013). No período pós-pandêmico mais recente, o ambiente digital amplificou as críticas à deterioração da situação econômica interna, mobilizando diferentes setores da sociedade em comícios e protestos, muitas vezes convocados pelas redes sociais, algumas delas invocando um “argentinazo”<sup>4</sup> – em alusão à crise de dezembro de 2001, que levou a uma revolta popular generalizada e à renúncia do então presidente Fernando de la Rúa. Sob enorme pressão, o governo atual enfrenta divisões internas entre setores da coalização governista – enquanto assiste a um aumento das tensões nas mídias e nas ruas, com os desdobramentos do julgamento de Cristina Kirchner por corrupção<sup>5</sup>.

Chile e Colômbia fazem parte dos Estados que vivenciaram os “*estallidos sociales*” entre 2019 e 2021, como resultado das insatisfações que, há anos, vêm acumulando-se na região (MURILLO, 2021). Os desdobramentos estão se refletindo nas atuais conjunturas políticas internas de cada país. No Chile, as mobilizações começaram ao final de 2019, inicialmente como um movimento estudantil, mas, ao longo de 2020, a agitação civil cresceu de forma incontida, sem lideranças específicas, levando à adesão massiva da sociedade chilena – desde as classes sociais mais baixas até extratos da média-alta (LABARCA et al, 2021). Na Colômbia, os descontentamentos ganharam corpo em 2021, sob a liderança de sindicatos e centrais operárias, mas rapidamente se estenderam a outros setores da sociedade e tiveram na juventude um de seus protagonistas (GARCÍA ACELAS; ARIAS PERALES, 2021). Em ambos os casos, as iniciativas digitais dos

---

<sup>4</sup> VALOR. “Manifestantes marcharam e mostraram sua indignação por meio de cartazes, em um momento em que surgem dúvidas e preocupações no país”. Valor Econômico, versão online, 09 de julho de 2022. Disponível em [https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/07/09/milhares-protestam-nas-ruas-contra-o-governo-na-argentina.ghml]. Acesso em 03-11-2022.

<sup>5</sup> G1. “Manifestações em apoio a Cristina Kirchner reúnem milhares de pessoas na Argentina”. Disponível em [https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/27/manifestacoes-em-apoio-a-cristina-kirchner-reunem-milhares-de-pessoas-na-argentina.ghml]. Acesso em: 01-11-2022.

cidadãos ocuparam um espaço nos acontecimentos, contribuindo para as dinâmicas de cada lugar (CALDERÓN et al, 2021). Pelo celular<sup>6</sup> ou pelas redes sociais<sup>7</sup>, as mobilizações ganharam destaque global.

México e Brasil não são exceções à regra. No primeiro caso, López Obrador manteve relativo apoio popular desde que foi eleito, em 2018, ajudado por sua comunicação direta com o público por meio das mídias sociais, em particular com seus *briefings* diários matinais, conhecidos como “mañaneras”, conforme María Elena Gutiérrez-Rentería (2022), no “Digital News Report 2022”, do *Reuters Institute*. Porém, em um país dividido pelo ressentimento em relação à elite política – que vem acentuando-se ao longo dos anos, em razão do aumento das desigualdades, da criminalidade crescente e de uma nova percepção sobre a corrupção no país (GREENE; SÁNCHEZ-TALANQUER, 2018) –, a atmosfera é de tensão. No início de 2022, a convocação de um polêmico referendo revogatório do mandato presidencial, embora inédito, registrou baixíssimas taxas de comparecimento, sob fortes apelos opositoristas para que a população boicotasse a consulta. Segundo seus críticos, o presidente mexicano tem explorando as redes e as mobilizações sociais como instrumentos políticos – e apelado aos plebiscitos quando não consegue apoio do Congresso para aprovar reformas. Na mais recente onda de protestos que invadiu as ruas da capital mexicana, no domingo 13 de novembro de 2022, dezenas de milhares de pessoas expressaram sua rejeição às intenções de AMLO de reforma do sistema eleitoral do país – constantemente colocado sob suspeição pelo mandatário<sup>8</sup>.

No Brasil, o fenômeno das mobilizações tem como marco fundamental mais recente as jornadas de junho de 2013, inicialmente motivadas por insatisfações contra o aumento do preço dos transportes (PEREZ, 2021). Mas, num rápido crescente, o movimento incorporou pautas difusas e diferentes setores da sociedade, abalando o *establishment* político brasileiro, em uma simbiose entre redes e ruas inédita na história do país. As transformações decorrentes do período levaram não apenas ao afastamento de uma presidente eleita, mas a profundas divisões sociais que, desde então, reverberam insidiosamente e cotidianamente nas redes e nas ruas, colocando em risco a estabilidade democrática da nação. Em 2022,

---

<sup>6</sup> ELMOSTRADOR. “Manifestaciones en las calles y en el celular: chilenos también rompieron récord en internet tras estallido social”, *El Mostrador*, versão digital, Agenda País, 19 de dezembro de 2019. Disponível em [https://www.elmostrador.cl/agenda-pais/2019/12/19/manifestaciones-en-las-calles-y-en-el-celular-chilenos-tambien-rompieron-record-en-internet-tras-estallido-social/]. Acesso em: 10-11-2022.

<sup>7</sup> FRANCE24. “Internet en Colombia: el otro gran escenario de las protestas”. *France24*, Revista Digital, 08 de maio de 2021. Disponível em [https://www.france24.com/es/programas/revista-digital/20210508-internet-colombia-otro-escenario-protestas]. Acesso em: 10-11-2022.

<sup>8</sup> CNN. Dezenas de milhares protestam contra o plano de reforma eleitoral do presidente mexicano. *CNN Online*, da redação. 13 de novembro de 2022. Disponível em [https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/dezenas-de-milhares-protestam-contra-o-plano-de-reforma-eleitoral-do-presidente-mexicano/]. Acesso em: 15:11-2022.

na corrida eleitoral à presidência mais acirrada dos últimos tempos, o ambiente digital foi tomado por disputas de narrativas carregadas de violência, inverdades e ressentimentos mútuos. Os cidadãos se mobilizaram nas redes, mas também ocuparam as ruas – com um fervor “quase religioso”. O resultado final não arrefeceu os ânimos e muito menos esvaziou os espaços públicos. Mais do que cindido, o país saiu de suas últimas eleições com uma ruidosa parcela da sociedade em estado de mobilização “permanente”, em estradas e ruas, em repartições públicas e portas de quartéis, sob sol e chuva e, entre *posts* e *lives*, disposta a extremos<sup>9</sup>.

### Considerações Finais

Tendo como referências Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México, este trabalho procurou destacar alguns dos recursos digitais mais característicos da realidade latino-americana – ainda que de forma panorâmica. Em paralelo, foram assinaladas, também, recentes mobilizações que ganharam relevo nas mesmas realidades nacionais, em meio às discussões sobre política no ambiente digital da região.

A partir dos dados extraídos de diferentes organizações (OCDE, ITU, ATLANTICO, *Kepios*, *Hootsuite* e *We are Social*), o que se pode perceber em relação à sua conjuntura digital é que a América Latina se encontra em posição de relativo destaque global. Tais análises apontam para “as intensas, rápidas e profundas transformações digitais” (MELGUIZO; SALIDO; LEAMAN, 2022, p. 1), assim como para a sustentabilidade dos índices de crescimento da digitalização no continente (ATLANTICO, 2022), onde cerca de 70% dos habitantes da região possuíam algum tipo de acesso ao ambiente online, em dados relativos ao ano de 2020 (ITU, 2022). Em corroboração ao otimismo manifesto pelas instituições precedentes, o DATAREPORTAL referente ao ano de 2022 indica uma progressão média rumo aos 75% de habitantes das Américas com acesso digital, dando destaque para a massiva quantidade de usuários de mídias sociais, especialmente no Chile (com o equivalente a 92,8% de usuários em relação à população total), Argentina (86,3%), Colômbia (81,3%), Brasil (79,9%) e México (78,3%) – considerados apenas os países aqui analisados.

Embora tal quadro contraste com problemas crônicos da região – como os altos níveis de pobreza e de desigualdade social (CEPAL, 2022), baixa qualidade de educação (ERCE, 2019) e histórica concentração

---

<sup>9</sup> DW. “A extrema direita no Brasil não é só o bolsonarismo”. Entrevista com Letícia Cesarino. DW versão online, de 11 de novembro de 2022. Disponível em [https://www.dw.com/pt-br/a-extrema-direita-no-brasil-n%C3%A3o-%C3%A9-s%C3%B3-o-bolsonarismo/a-63721707]. Acesso em: 11-11-2022.

mediática (MOM, 2017; 2018) –, há avanços concretos em termos de infraestrutura de telecomunicações no continente, com projeções para uma integração significativamente maior das atividades desenvolvidas em rede (GSMA, 2022). O uso do *WhatsApp*, em particular, se intensificou bastante como ferramenta de comunicação instantânea, alcançando percentuais superiores a 90% de usuários nos países aqui examinados (DATAREPORTAL, 2022). Outrossim, diante da penetração constante das ferramentas digitais integradas em rede, abre-se um leque potencial para novos desdobramentos nas rotinas sociais.

No âmbito político, especialmente, as transformações tecnológicas se somam à emergência de manifestações generalizadas na América Latina – fazendo dos protestos uma das marcas da região (BORSANI, 2020). Em meio à estagnação econômica e a uma cacofonia corrosiva das mídias sociais (REID, 2022), as ruas (e ânimos) latino-americanas vêm ganhando ares inflamados. Depois de duas grandes ondas de revolta em massa nas primeiras décadas do XXI – começando nos anos 2000, com insurreições no Equador, na Argentina e na Bolívia, as mobilizações voltaram a ganhar força a partir de 2018, na Nicarágua e em Porto Rico e, depois, nos altiplanos andinos do Equador, Chile, Bolívia, Peru, até chegar à Colômbia (FUENTES, 2022) –, a América Latina parece navegar em direção à sua “terceira onda” de consolidação da sociedade civil no continente, tendo no ciberespaço um instrumento central de atuação (SORJ, 2015).

No entanto, por mais evidente que seja a presença dos recursos digitais no dia a dia das pessoas, bem como de seus potenciais de uso para iniciativas políticas por parte de cidadãos comuns, não é o propósito desta leitura sugerir uma relação de causalidade direta e necessária entre as conjunturas tecnológicas e as mobilizações sociais que vêm ocorrendo na América Latina a partir das iniciativas de comunicação empreendidas pelo público e por meio do uso de ferramentas tecnológicas digitais.

Afinal, é preciso reconhecer que as dinâmicas da comunicação política são mais complexas, sendo igualmente importantes os papéis desempenhados por outros agentes no processo de emanação de mensagens que circulam dentro de um sistema político – isto é, os políticos e os operadores midiáticos. Ainda assim, face às ponderações teóricas assinaladas ao longo do texto, procuramos também avançar ao encontro do conjunto de debates e reexames dos pressupostos epistêmicos, conceituais e metodológicos que hoje atravessam o campo da comunicação política (BANHUST, 2011). É neste, portanto, o sentido da ênfase dada aqui à dimensão do público como parte relevante do conjunto de trocas informativas que se dão nos contextos de comunicação política, em geral, e da América Latina, em particular.

Tomando como exemplo os “*estallidos sociales*” que atravessaram parte significativa da América Andina entre 2019 e 2021, seria difícil imaginar a mesma intensidade, velocidade e alcance das iniciativas protagonizadas por movimentos estudantis, sindicatos e centrais operárias – que vertiginosamente contagiaram outros setores da sociedade – sem a presença das ferramentas digitais empregadas nos protestos chilenos e colombianos. E, mesmo em países com forte tradição de concentração dos meios, como são os casos de Argentina, Brasil e México, os embates travados pelo público nos ambientes digitais constituem um dado a mais (e relevante) na configuração das respectivas realidades políticas.

Seguindo esse entendimento, parece razoável argumentar que as associações entre o ambiente digital e as mobilizações populares devem ser percebidas em sentido dialógico. Pondera-se, assim, que suas articulações não se dão de forma necessariamente linear e determinista, mas de múltiplas maneiras podem ser combinadas, levando à possibilidade de afetarem-se recíproca e mutuamente. Portanto, e em última instância, ao se interpenetrarem, tendencialmente modificam e são modificadas pelas outras dimensões mais diretamente envolvidas nas práticas da comunicação política – neste caso, as mídias e a política.

Em termos empíricos, por certo há necessidade de avançar em proposições metodológicas que permitam um exame mais acurado das práticas de comunicação política *per se* empreendidas pelo público – algo que, todavia, não seria compatível com a extensão deste artigo. De toda forma, lidar com a amplitude e a escala das interações em ambientes digitais é um desafio inevitável, em desenvolvimentos futuros.

**Luiz Leo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1945-7628>

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil*

*Doutor em Comunicação pela PUC-Rio*

*E-mail: lleo@puc-rio.br*

Recebido em: 23 de novembro de 2022.

Aprovado em: 7 de dezembro de 2023.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.326>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.7-32, set./dez. 2022

**Referências:**

AGUIRRE SALA, Jorge Francisco. El potencial de los medios digitales ante la participación ciudadana tradicional y en el presupuesto participativo. **Comunicación y sociedad**, n. 22, p. 211-229, 2014.

ATLANTICO. Latin America Digital Transformation Report 2022. **Atlantico Latin America Digital Report**, September, 2022. Disponível em <[https://www.atlantico.vc/ latin-america-digital-transformation-report](https://www.atlantico.vc/latin-america-digital-transformation-report)>. Acesso: 01-11-2022.

BECERRA, Martín; Guillermo MASTRINI. **Los dueños de la palabra: Acceso, estructura y concentración de los medios en la América Latina del siglo XXI**. Buenos Aires: Prometeo, 2009.

BARNHURST, Kevin G. The new “media affect” and the crisis of representation for political communication. **The International Journal of Press/Politics**, v. 16, n. 4, p. 573-593, 2011.

BENNETT, W. Lance; PFETSCH, Barbara. Rethinking political communication in a time of disrupted public spheres. **Journal of Communication**, v. 68, n. 2, p. 243-253, 2018.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. 11ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, Volume 1 e Volume II.

BOHMAN, J. Expanding dialogue: The Internet, the public sphere and prospects for transnational democracy. **The Sociological Review**, 2004, p. 131-155.

BLUMLER, Jay; GUREVITCH, Michael. **The crisis of public communication**. Routledge/Psychology Press, 1995.

BLUMLER, Jay; COLEMAN, Stephen. A democracia e a mídia – Revisitadas. **Compólitica**, v. 7, n. 2, p. 7-34, 2017.

BORSANI, Hugo. Protestos maciços foram a síntese da América Latina em 2019. **Latinoamerica21**, versão online, 2020. Disponível em <[https://latinoamerica21.com/br/ protestos-macicos-foram-a-sintese-da-america-latina-em-2019](https://latinoamerica21.com/br/protestos-macicos-foram-a-sintese-da-america-latina-em-2019)>. Acesso: 07-11-2022.

BRANTS, Kees; VOLTMER, Katrin (Ed.). **Political communication in postmodern democracy: challenging the primacy of politics**. UK: Palgrave Macmillan/ Springer Springer, 2011.

CALDERÓN, Consuelo, et al. El rol de las redes sociales en la génesis del 'estallido social'. **Revista de Ciencias Sociales**, 2021, vol. 30, no 47, p. 66-106.

CAPPELLA, Joseph N.; JAMIESON, Kathleen Hall. **Spiral of cynicism: The press and the public good**. Oxford University Press, 1997.

CANEL, María José; VOLTMER, Katrin. **Comparing political communication across time and space: conceptual and methodological challenges in a globalized world**. Palgrave Macmillan UK, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. C. Letras, 2017.

CEPAL. Bases de Datos y Publicaciones Estadísticas. **Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe**, 2022. Disponível em <<https://statistics.cepal.org/portal/cepalstat/perfil-regional.html?theme=1&lang=es>>. Acesso: 05-11-2022.

CHADWICK, Andrew. Web 2.0: New Challenges for the Study of E-Democracy in an Era of Informational Exuberance. **I/S A Journal of Law and Policy for The Information Society**. Vol. 5, n. 1, 2009.

COLEMAN, Stephen; BLUMLER, Jay G. **The Internet and democratic citizenship: Theory, practice and policy**. Cambridge University Press, 2009.

DATAREPORTAL. Digital 2022 Global Digital Overview. **Datareportal**, 26 de janeiro de 2022. Disponível em <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>>. Acesso: 01-11-2022.

DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. (eds.). **The Sage handbook of qualitative research**. Fifth Edition. Los Angeles: Sage, 2018.

DERVICHE, Andre. Uso de redes sociais em mobilizações populares deve ser visto com cautela. **Jornal da USP**, edição digital, 09 de agosto de 2021. Disponível em <<https://jornal.usp.br/atualidades/uso-de-redes-sociais-em-mobilizacoes-populares-deve-ser-visto-com-cautela/>>. Acesso: 10-11-2022.

DEWEY, John. **The Public and its problems: an essay in political inquiry**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, [1927]/2012.

ESSER, Frank; PFETSCH, Barbara (Eds.). **Comparing political communication: theories, cases, and challenges**. Cambridge University Press, 2004.

FOA, R.S; KLASSEN, A; WENGER, D; RAND, A. **Youth and Satisfaction with Democracy: Reversing the Democratic Disconnect?** Cambridge, United Kingdom: Centre for the Future of Democracy, 2020.

FUENTES, Pedro. "Contribuições sobre a América Latina. **Revista Movimento**, versão online, 3 de agosto de 2022. Disponível em <<https://movimentorevista.com.br/2022/08/contribuicao-sobre-a-america-latina/>>. Acesso: 01-11-2022;

GARCÍA ACELAS, Marisabel; ARIAS PERALES, Ildefonso. La juventud como protagonista en el último ciclo de protestas en Colombia. **Revista Argentina De Estudios De Juventud**, Dossier Temático, 2021. Disponível em <<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/139535>>. Acesso: 20-10-2022.

GERBAUDO, Paolo. **The digital party: Political organisation and online democracy**. London: Pluto, 2019.

GILLION, Daniel Q. **The political power of protest: minority activism and shifts in public policy**. Cambridge University Press, 2013.

GREENE, Kenneth; SÁNCHEZ-TALANQUER, Mariano. Latin America's shifting politics: Mexico's party system under stress. **Journal of democracy**, 2018, vol. 29, no 4, p. 31-42.

GUTIÉRREZ-RENTERIA, María Elena. México. Digital News Report 2022. **Reuters Institute**, 2022. Disponível em <[https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital News-Report 2022.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital%20News-Report%202022.pdf)>. Acesso: 01-10-2022.

GUTMANN, Amy; THOMPSON, Dennis. **Why deliberative democracy?**. Princeton University Press, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1962]2003.

HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo. **Comparing media systems: Three models of media and politics**. Cambridge university press, 2004.

HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo (Eds.). **Comparing media systems beyond the Western world**. Cambridge University Press, 2011.

HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo. Ten years after comparing media systems: What have we learned?. **Political Communication**, v. 34, n. 2, p. 155-171, 2016.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HENN, Philipp; JANDURA, Olaf; VOWE, Gerhard. The traditional paradigm of political communication research reconstructed. In: **Political Communication in the Online World**. Routledge, 2015. p. 11-25.

ITU. World Telecommunication/ICT Indicators Database 2022. **International Telecommunication Union**, 2022. Disponível em <<https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/publications/wtid.aspx>>. Acesso: 20-10-2022.

KAID, Lynda Lee (Ed.). **Handbook of political communication research**. Routledge, 2004.

KLEIN, Adam. **Fanaticism, racism, and rage online: Corrupting the digital sphere**. Springer, 2017.

LABARCA, D. et al. "Las claves de una crisis que no parece acabar". **La Tercera**, 20 de outubro de 2019. Disponível em <<https://www.latercera.com/politica/noticia/las-claves-una-crisis-no-parece-acabar/870681/>>. Acesso: 20-01-2021.

LATINOBARÓMETRO. **Informe Latinobarómetro 2020**. Santiago: Latinobarometro Corporation, 2020. Disponível em <<http://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>>. Acesso: 01-10-2022.

LEO, Luiz. ITUASSU, Arthur; MANNHEIMER, Vivian; CAPONE, Letícia. **Rediscutiendo la Comunicación Política Comparada: epistemología, etnocentrismo y el objeto distante**. Revista de Comunicación Política 1, 95-109, 2020.

LEO, Luiz. Iniciativas de Comunicação Política da Sociedade Civil em América Latina: os protestos no Chile de Piñera e na Bolívia de Morales. In: **Anais, 9a Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**, 2021, Belo Horizonte. 9a COMPOLÍTICA, 2021. v. 1.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

LÉVY, Pierre. **Ciberdemocracia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. Nova York, McMillan Co, [1922]/1961.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 164-187.

MÁRQUEZ-RAMÍREZ, M. Post-Authoritarian Politics in a Neoliberal Era: Revising Media and Journalism Transition in Mexico. In: **Media Systems and Communication Policies in Latin America**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2014.

MAUERSBERGER, Christof. **Advocacy coalitions and democratizing media reforms in Latin America: whose voice gets on the air?**. Switzerland: Springer International Publishing, 2016.

MAYORGA, F. Democracia na América Latina: mudanças e persistências. **Revista da Universidade de São Paulo**, Dossiê democracia na América Latina, n. 109, p. 43-52, 2016.

MELGUIZO, Angel; SALIDO, Eduardo; LEAMAN, Welby. A faster path to digital transformation in Latin America. **OCDE – Development Matters**, 2022. Disponível em <[https://oecd-development-matters.org/2022/03/02/a-faster-path-to-digital-transformation-in-latin-america/#\\_ftn1](https://oecd-development-matters.org/2022/03/02/a-faster-path-to-digital-transformation-in-latin-america/#_ftn1)>]. Acesso: 07-11-2022.

MOSSBERGER, Karen; TOLBERT, Caroline J.; MCNEAL, Ramona S. **Digital citizenship: the internet, society, and participation**. Cambridge: MIT Press, 2007.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. Editora Companhia das Letras, 2019.

MURILLO, María Victoria. Protestas, descontento y democracia en América Latina. **Nueva Sociedad**, 2021, 294, p. 4-13.

NIMMO, Dan D.; SANDERS, Keith R. (Eds). **Handbook of political communication**. London: Sage Publications, 1981.

NORRIS, Pippa. **A virtuous circle: political communications in postindustrial societies**. UK: Cambridge University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. Comparative political communications: common frameworks or Babelian confusion?. **Government and Opposition**, v. 44, n. 3, 2009, p. 321-340.

\_\_\_\_\_. Political activism: New challenges, new opportunities. In: **The Oxford handbook of comparative politics**. Oxford University Press, p. 628-652, 2007.

PEREZ, Olívia Cristina. Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013. **Revista Izquierdas**, 2021, 50, p. 1-16.

PEREYRA, Sebastian. Procesos de movilización y movimientos sociales desde la transición a la democracia. **Observatorio latinoamericano**, 12, 11-2013, p. 235-253.

PNUD. **Nuestra democracia: our democracy in Latin America**. United Nations Development Program. New York: United Nations, 2004. Disponível em [https://www.undp.org/content/dam/undp/library/Democratic%20Governance/UNDP-OAS\\_Our\\_Democracy\\_in\\_Latin\\_America.pdf](https://www.undp.org/content/dam/undp/library/Democratic%20Governance/UNDP-OAS_Our_Democracy_in_Latin_America.pdf)>. Acesso: 13-11-2022.

PRZEWORSKI, Adam. **Democracia e mercado no Leste Europeu e na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

O'DONNELL, Guillermo; SCHMITTER, Philippe; WHITEHEAD, Laurence (eds). **Transitions from Authoritarian Rule: Prospects for Democracy**. 4 vols. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1986.

REID, Michael. "A region caught between stagnation and angry street protests". Special Report: Latin America. **The Economist**, edição digital, 16 de junho de 2022. Disponível em <https://www.economist.com/special-report/2022/06/16/a-region-caught-between-stagnation-and-angry-street-protests>>. Acesso: 10-11-2022.

RUESS, Christina et al. Online political participation: the evolution of a concept. **Information, Communication & Society**, p. 1-18, 2021.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SALGADO, Susana; STANYER, James. Perceptions of populism and the media: A qualitative comparative approach to studying the views of journalists and politicians. In: **Communicating populism: Comparing actor perceptions, media coverage, and effects on citizens in Europe**. Nova York, Routledge, 2019.

SCHERMAN, Andrés; ARRIAGADA, Arturo; VALENZUELA, Sebastián. ¿ Hacia una nueva ciudadanía multifuncional? Uso de medios digitais, redes sociais online y participación política. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, v. 2, p. 159-191, 2011.

SHEHATA, Adam; STRÖMBÄCK, Jesper. Mediation of political realities: Media as crucial sources of information. In: **Mediatization of politics: Understanding the transformation of Western democracies**. Springer, 2014. p. 93-113.

SIEBERT, Fred Seaton; PETERSON, Theodore; SCHRAMM, Wilbur. **Four theories of the press: The authoritarian, libertarian, social responsibility, and Soviet communist concepts of what the press should be and do**. University of Illinois Press, 1956.

SOLANO, Esther; BRAGA, Camila (orgs). Juventude e democracia na América Latina. **Luminate**, 2022. Disponível em <[https://luminategroup.com/storage/1461/PT\\_Youth\\_Democracy\\_Latin\\_America.pdf](https://luminategroup.com/storage/1461/PT_Youth_Democracy_Latin_America.pdf)>. Acesso: 02-11-2022.

SORJ, Bernardo. **Internet e mobilizações sociais: transformações do espaço público e da sociedade civil**. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2015.

VACCARI, Cristian; VALERIANI, Augusto. Digital political talk and political participation: Comparing established and third wave democracies. **SAGE Open**, v. 8, n. 2, 2018.

UNESCO. **Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2020: Inclusão e educação para todos**. Paris, UNESCO, 2020.

WEFFORT, Francisco C. Incertezas da transição na América Latina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 05-46, 1989.

## Resumo

A partir de uma revisão das contribuições epistemológicas do campo da comunicação política e propondo uma maior ênfase metodológica à percepção do “público” nas iniciativas de comunicação política, este trabalho destaca, de forma comparada, variáveis tecnológicas que cercam as rotinas de cidadãos em países latino-americanos, sobretudo aqueles que experimentaram recentes transições democráticas, de centro ou direita para regimes de esquerda. Com foco no México,

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.326>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.7-32, set./dez. 2022

Argentina, Chile, Colômbia e Brasil, são examinados, em perspectiva panorâmica, os recursos digitais mais característicos de cada país, bem como algumas das mobilizações que ganharam relevo naquelas respectivas realidades nacionais, em meio as discussões sobre política no ambiente digital. Desta forma, associa-se aos esforços de ampliação do leque dos estudos de comunicação política regionais, através da identificação e de uma sistematização, de caráter comparado, de iniciativas de comunicação política gestadas pela sociedade civil latino-americana.

**Palavras-chave:** Mídias digitais. Mobilizações. América Latina.

### Abstract

Based on a review of the epistemological contributions of the field of political communication and proposing a methodological emphasis on the perception of the “public” in political communication initiatives, this work highlights, in a comparative way, technological variables that surround the routines of citizens in Latin American countries. Especially, those who have experienced recent transitions from democratic, center or right-wing to left-wing regimes. Focusing on Mexico, Argentina, Chile, Colombia and Brazil, it examines, in a comprehensive perspective, the most characteristic digital resources of each country, as well as some of the mobilizations that gained prominence in those respective national realities, in the midst of discussions about politics in the environment digital. In this way, it associates with efforts to expand the range of regional political communication studies, through the identification and systematization, of a comparative nature, of political communication initiatives managed by Latin American civil society.

**Keywords:** Digital media. Mobilizations. Latin America.

### Resumen

A partir de una revisión de los aportes epistemológicos del campo de la comunicación política y proponiendo un mayor énfasis metodológico en la percepción del “público” en las iniciativas de comunicación política, este trabajo destaca, de manera comparativa, variables tecnológicas que rodean las rutinas de los ciudadanos. en los países latinoamericanos - Los estadounidenses, especialmente aquellos que han experimentado transiciones recientes de regímenes democráticos, de centro o de derecha, a regímenes de izquierda. Centrándose en México, Argentina, Chile, Colombia y Brasil, examina, en perspectiva panorámica, los recursos digitales más característicos de

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.326>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.7-32, set./dez. 2022

cada país, así como algunas de las movilizaciones que cobraron protagonismo en esas respectivas realidades nacionales, en medio de discusiones sobre la política en el entorno digital. De esta forma, se suma a los esfuerzos por ampliar la gama de estudios de comunicación política regional, a través de la identificación y sistematización, de carácter comparativo, de iniciativas de comunicación política gestionadas por la sociedad civil latinoamericana.

**Palabras clave:** Medios digitales. Movilizaciones. America Latina.

*Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.*